

Erro histórico

32

O vertedouro da represa de Tucuruí (canal de passagem de água pelo interior da estrutura de concreto) deveria ser misto, segundo os estudos de viabilidade, editados em dezembro de 1974. Teria 22 comportas de superfície (na parte superior da barragem) e oito comportas de fundo, além de 36 aberturas (ou adufas) para o fluxo da água até o início do enchimento do reservatório.

Os engenheiros optaram por esse vertedouro misto não somente por causa dos custos, mas também devido à necessidade das oito comportas permanentes, "que garantirão o controle do nível d'água no reservatório durante a fase final de construção da barragem, durante o fechamento das aberturas e a manutenção do nível d'água mínimo a jusante exigido pela navegação".

Um ano depois, o plano básico de Tucuruí modificou completamente esta concepção. Quatro motivos levaram os consultores a cancelar o vertedouro misto: as condições de fabricação das comportas (que deveriam estar em condições de suportar pressões muito fortes); a economia que o projeto faria substituindo as comportas de fundo por comportas de superfície; a redução dos serviços, que facilitaria o cronograma (a preocupação obsessiva era com o tempo) e a constatação de que "realmente, apenas durante um período muito curto (cerca de 81 dias, na condição do ano mais seco) será necessário para o enchimento do reservatório antes do restabelecimento das descargas a jusante".

Com isso, os técnicos chegaram à conclusão de que era conveniente "serem eliminados os 8 descarregadores de fundo previstos para funcionarem durante o fechamento das adufas de desvio do rio, situadas no corpo do vertedouro de superfície". Para substituir os vertedouros de fundo, foi aumentado o número de adufas (de 36 para 40).

A busca de economia direta e a obsessão pelo prazo levaram a essa decisão. Suas conseqüências mais profundas só agora estão sendo sentidas. As adufas situam-se na cota de 26 metros. É aí que atualmente a Eletronorte está trabalhando sem parar, concretando as aberturas. Mais de 20 das 40 aberturas já foram fechadas dessa maneira. Embora sejam usadas comportas para garantir o fechamento, o serviço só pode ser executado quando o nível do rio está baixo. Este é o momento ideal.

Quando as adufas estiverem completamente fechadas, o Tocantins só poderá parar de crescer quando chegar ao nível das comportas de superfície, no vertedouro, que estão na cota 66. Neste ponto, boa parte do reservatório já estará formada. Para que isso ocorra, o rio Tocantins ficará completa-

mente retido pelo prazo que o estudo de viabilidade definiu em 81 dias — um pouco mais, ou um pouco menos.

Se o vertedouro de fundo tivesse sido construído, não seria necessário interromper completamente a vazão de uma bacia com 770 mil quilômetros quadrados de área de drenagem, com descarga média anual superior a nove milhões de litros de água por segundo. Os oito descarregadores de fundo deixariam passar mais de 12 mil metros cúbicos de água por segundo, "sangria" suficiente para superar a vazão média do rio.

Os primeiros projetistas de Tucuruí queriam deixar essa possibilidade pensando apenas na manutenção da navegação abaixo da barragem. Um ano depois, os consultores da Eletronorte acharam que o sacrifício de 81 dias seria mais do que compensado pela redução de custos, encurtamento do cronograma e menor complexidade de construção. Nenhum deles, porém, teve a idéia de refletir sobre tudo o que poderia ocorrer a jusante de Tucuruí com a total interrupção do fluxo de águas do Tocantins.

A represa impedirá que, entre outubro e novembro, cheguem ao estuário do Pará 560 bilhões de litros de água escoados da bacia do Tocantins-Araguaia. Se dezembro for considerado (na possibilidade de 90 dias para o enchimento do reservatório), a interrupção ultrapassará 1,2 bilhão de litros de água. É bom nunca esquecer que 98% da água que chega à calha do Tocantins é contribuição de afluentes localizados a montante de Tucuruí.

Como a ecologia nada mais era do que uma ligeira referência formal no projeto de Tucuruí, não passou pela cabeça dos executores da obra que a ausência desse fantástico volume de água (daria para abastecer Belém durante mais de dois mil dias) iria provocar um violento impacto no estuário do Pará. Como compensar essa ausência durante uma época de estiagem?

É incrível que somente em fevereiro deste ano, a menos de oito meses do enchimento do reservatório, a Eletronorte tenha se manifestado sobre a questão. Não é de todo impossível que a ameaça acabe não se concretizando. É uma hipótese. Mas tão ou mais factível é a hipótese da salinização. Como neste caso não se trata de modelo teórico, uma hipótese factível deve ser tratada com fatos, através de medidas preventivas. Mas como se pode exigir esse nível de iniciativa se sequer houve o estudo adequado?

Estes já seriam motivos suficientes para obrigar a empresa a prestar contas. Pela imprensa ou nas barras do Tribunal.